

Adeus, meu velho!

Photography

15/5
84

p. 3

«Adeus, meu velho...» — foi sempre assim que nos despedimos, com a certeza de que nos voltaríamos a encontrar, senão amanhã, logo que houvesse um trabalho. E agora dizem-me: «O Armindo Afonso morreu».

Ainda há dias tínhamos estado juntos. O Armindo, muito magro, era no entanto o mesmo de sempre: irreverente, lutador, sempre disposto a criticar e omnipresente nas frentes mais difíceis desta luta diária que é o trabalho de jornalista, papel profissional que ele sempre soube desempenhar. Ultimamente estava velho — era ele que o dizia — mas nem por isso deixava de estar à frente de todos os outros, quando mais necessário se tornava um fôlego resistente e pernas fortes. A imagem por ele colhida era certa, garantida. Numa emergência, em qualquer jornal, o Armindo foi sempre a solução: «se este "boneco" não consta do arquivo, pede-lhe a ele» — ouvi sempre dizer a vários chefes de Redacção.

Mas não é sobre o homem que — dizem-me, morreu — eu quero escrever. Pretendo — isso sim, referir o companheiro a quem sempre disse, quando nos separávamos: «Adeus, meu velho».

Proprietário de uma das melhores (talvez a melhor) casas fotográficas da capital, o Armindo Afonso estava sempre disposto a fazer horas extraordinárias para «safar» um cliente aflito, numa emergência. Para a informação, sendo sempre um colaborador interessado e indispensável, nunca cobrou um tostão, foi sempre um exemplo para os mais jovens no que respeita à ética profissional e amor à profissão difícil de jornalista. Estabelecido há muitos anos, ele não fez fortuna, ao contrário de tantos outros que, sem a qualidade que ele soube sempre oferecer, prosperam dia-a-dia, maculando esta arte bela e profundamente humana, que é a da imagem impressa em papel.

Poderia ter sido para mim e tantos outros colegas de várias gerações, o velho ditador que tudo sabe, que impõe a sua decisão final, resultado de anos de experiência de trabalho. E não o foi: antes, calava-se quando escutava, bebia de qualquer um aquilo que sentia que o outro lhe podia ensinar. A idade, para ele, só começou a pesar quando a doença o atingiu: nunca foi um argumento de razão. E por isso, o Armindo Afonso foi sempre o nosso mais jovem companheiro de trabalho. Velho, se foi, foi apenas em anos e anos de luta, alguns dos quais em companhia dos homens do meu tempo. «Meu velho, adeus...»

JORGE COSTA